

**UMA ANÁLISE CIENTIFICISTA DA CONDIÇÃO DA MULHER: A EMPAREDADA DA  
RUA NOVA, DE CARNEIRO VILELA**

**A SCIENTIFIC ANALYSIS OF THE CONDITION OF WOMEN: THE WOMAN  
EMBAREDADA DA RUA NOVA, BY CARNEIRO VILELA**

**UN ANÁLISIS CIENTÍFICO DE LA CONDICIÓN DE LA MUJER: LA MUJER  
EMBAREDADA DA RUA NOVA, DE CARNEIRO VILELA**



10.56238/sevenVIIImulti2026-088

**Ana Cristina Alves de Paula Barreto**

Doutoranda

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de São José do Rio  
Preto

E-mail: ana.c.paula@unesp.br

---

**RESUMO**

O romance *A emparedada da Rua Nova*, de Carneiro Vilela, publicado entre 1909-1912, ocupa um lugar singular na literatura brasileira por articular o realismo-naturalismo com tradições culturais do Recife oitocentista, construindo uma narrativa que combina ficção, lenda urbana e crítica social. A trama parte da história de uma jovem emparedada viva por seu próprio pai, como punição por transgredir normas morais e patriarcais, erigindo-se em metáfora da violência de gênero e do controle absoluto sobre o corpo e a subjetividade feminina. Nesse sentido, a obra transcende o registro ficcional para refletir as estruturas sociais e os mecanismos de repressão característicos do patriarcalismo vigente. O cientificismo, em sua vertente naturalista e determinista, permeia o romance como justificativa ideológica para a repressão feminina. Carneiro Vilela absorve elementos do discurso científico do século XIX, como a crença no determinismo biológico, na hereditariedade e na fragilidade moral das mulheres, inscrevendo-os no enredo como fundamentos para a imposição de limites à liberdade feminina. Essa inserção de discursos científicos não ocorre de forma neutra: ao mesmo tempo em que reproduz uma mentalidade típica de seu tempo, o autor evidencia as contradições e os abusos de tais concepções, convidando o leitor a refletir sobre seus efeitos na vida social. O emparedamento, enquanto núcleo narrativo, torna-se uma poderosa metáfora da opressão de gênero. O gesto de enclausurar e silenciar a mulher revela a face extrema da cultura patriarcal, que transforma o corpo feminino em objeto de punição e honra familiar. Tal representação expõe como o patriarcalismo se legitimava não apenas pela tradição, mas também pela autoridade do saber científico, então em ascensão. A análise da obra, portanto, permite compreender como literatura, ciência e sociedade se entrecruzam na denúncia de uma violência estrutural, cuja permanência ainda ecoa nos debates contemporâneos sobre a condição feminina.

**Palavras-chave:** Naturalismo. *A Emparedada da Rua Nova*. Cientificismo. Condição da Mulher.

**ABSTRACT**

The novel *A Emparedada da Rua Nova* (The Woman Walled Up in Rua Nova), by Carneiro Vilela, published between 1909 and 1912, occupies a unique place in Brazilian literature for articulating

realism-naturalism with the cultural traditions of 19th-century Recife, constructing a narrative that combines fiction, urban legend, and social critique. The plot begins with the story of a young woman walled up alive by her own father as punishment for transgressing moral and patriarchal norms, becoming a metaphor for gender violence and the absolute control over the female body and subjectivity. In this sense, the work transcends fictional register to reflect the social structures and mechanisms of repression characteristic of the prevailing patriarchal system. Scientism, in its naturalist and deterministic aspect, permeates the novel as an ideological justification for the repression of women. Carneiro Vilela absorbs elements of 19th-century scientific discourse, such as the belief in biological determinism, heredity, and the moral fragility of women, inscribing them in the plot as foundations for imposing limits on female freedom. This insertion of scientific discourses does not occur neutrally: while reproducing a typical mentality of his time, the author highlights the contradictions and abuses of such conceptions, inviting the reader to reflect on their effects on social life. The act of confining and silencing the woman becomes a powerful metaphor for gender oppression. The gesture of imprisoning and silencing the woman reveals the extreme face of patriarchal culture, which transforms the female body into an object of punishment and family honor. This representation exposes how patriarchalism legitimized itself not only through tradition but also through the authority of scientific knowledge, then on the rise. The analysis of the work, therefore, allows us to understand how literature, science, and society intersect in denouncing a structural violence, whose persistence still echoes in contemporary debates about the condition of women.

**Keywords:** Naturalism. The Woman Walled Up in Rua Nova. Scientism. The Condition of Women.

## RESUMEN

La novela *A Emparedada da Rua Nova* (La mujer emparedada en la Rua Nova), de Carneiro Vilela, publicada entre 1909 y 1912, ocupa un lugar único en la literatura brasileña por articular el realismo-naturalismo con las tradiciones culturales del Recife del siglo XIX, construyendo una narrativa que combina ficción, leyenda urbana y crítica social. La trama comienza con la historia de una joven emparedada viva por su propio padre como castigo por transgredir las normas morales y patriarcales, convirtiéndose en una metáfora de la violencia de género y el control absoluto sobre el cuerpo y la subjetividad femeninos. En este sentido, la obra trasciende el registro ficcional para reflejar las estructuras sociales y los mecanismos de represión característicos del sistema patriarcal imperante. El cientificismo, en su vertiente naturalista y determinista, permea la novela como una justificación ideológica para la represión de las mujeres. Carneiro Vilela absorbe elementos del discurso científico del siglo XIX, como la creencia en el determinismo biológico, la herencia y la fragilidad moral de la mujer, inscribiéndolos en la trama como fundamentos para imponer límites a la libertad femenina. Esta inserción de discursos científicos no se produce de forma neutral: al reproducir una mentalidad típica de su época, el autor destaca las contradicciones y los abusos de tales concepciones, invitando al lector a reflexionar sobre sus efectos en la vida social. El acto de confinar y silenciar a la mujer se convierte en una poderosa metáfora de la opresión de género. El gesto de encarcelar y silenciar a la mujer revela la cara extrema de la cultura patriarcal, que transforma el cuerpo femenino en objeto de castigo y honor familiar. Esta representación expone cómo el patriarcalismo se legitimó no solo a través de la tradición, sino también a través de la autoridad del conocimiento científico, entonces en auge. El análisis de la obra, por lo tanto, nos permite comprender cómo la literatura, la ciencia y la sociedad se entrecruzan al denunciar una violencia estructural, cuya persistencia aún resuena en los debates contemporáneos sobre la condición de la mujer.

**Palabras clave:** Naturalismo. La Mujer Amurallada en Rua Nova. Cientificismo. La Condición de la Mujer.

## 1 INTRODUÇÃO

O movimento literário do Naturalismo surgiu na França em 1870, com a publicação dos romances de Émile Zola (1840-1902). Em 1880, Zola publicou suas teorias sobre o *romance experimental*, em que expunhas ideias como esta:

O romance experimental substitui o estudo do homem abstrato e metafísico pelo do homem natural, sujeito a leis físico-químicas e determinado pela influência do meio.

Observa-se, nessas palavras, a ênfase cientificista e determinista do Naturalismo. A característica essencial do Naturalismo é justamente esse cientificismo, essa tentativa de reduzir ou enquadrar a realidade humana ao que já foi ou pode ser pesquisado pelas ciências.

O romance naturalista sublinhava os aspectos mais brutais do meio e definia posições diante daquilo que expunha: denunciava, instigava a consciência do leitor, solicitava opções. Carneiro Vilela – escritor que se empenhou na análise sociológica, de fora para dentro – juntou as convicções cientificistas ao caráter realista.

De acordo com Ulisses Infante (2001, p. 295),

Os indivíduos e a sociedade humana passam a ser objeto de “experiências” como as que se fazem em laboratórios científicos: selecionam-se personagens e situações que, desenvolvidos, confirmam as teses deterministas de que o comportamento humano resulta apenas de fatores alheios à vontade do próprio homem.

O cientificismo dos naturalistas faz dos romances verdadeiros estudos de casos: personagens e situações são construídos a fim de evidenciar os fatores hereditários, do meio natural e sociais que definem e determinam o comportamento humano segundo o Positivismo.

Para Infante (2001, p. 296),

Isso reduz o ser humano a um autômato que obedece a fatores condicionantes externos, superiores à sua vontade. [...] Opondo-se às idealizações românticas, o Naturalismo buscava a objetividade na representação artística do homem, em textos que beiram a impessoalidade. A necessidade de organizar personagens e situações de forma a comprovar as teses deterministas gerava, no entanto, distorções: é flagrante a tendência do Naturalismo a transformar casos particulares em regras gerais, procurando estender ao conjunto social comportamentos de indivíduos portadores de taras e transformações nem sempre comuns.

A literatura brasileira do século XIX foi marcada pela confluência de diversos movimentos estéticos e intelectuais, entre os quais se destaca o Naturalismo, herdeiro direto do Realismo, que incorporava ao romance literário o peso das ciências experimentais e das novas teorias sociais. Nesse contexto, observa-se a presença do cientificismo, entendido como a aplicação de pressupostos científicos para explicar os fenômenos humanos, sociais e morais. A obra *A emparedada da Rua Nova*

(1905), de Carneiro Vilela, emerge como um exemplo expressivo dessa mentalidade, ao entrelaçar ficção e realidade histórica e, sobretudo, ao tratar da condição feminina no Recife oitocentista.

Publicada no início do século XX, mas voltada a um enredo que se passa em décadas anteriores, a narrativa recupera uma tradição oral do Recife, transformando-a em romance. O emparedamento da protagonista, como punição pela transgressão moral, não se limita a um ato de violência individual ou familiar: ele simboliza um sistema social mais amplo, estruturado pela supremacia masculina e legitimado por discursos científicos, religiosos e jurídicos da época.

O cientificismo naturalista, influenciado por pensadores como Taine e Zola, exercia papel determinante na literatura do período. A crença no determinismo biológico, nas leis da hereditariedade e no condicionamento do meio permeava a produção literária, reforçando um imaginário em que a mulher era vista como ser de natureza instável, subordinada ao corpo e às paixões. Carneiro Vilela, ao escrever *A emparedada da Rua Nova*, dialoga com esse repertório, ao mesmo tempo em que denuncia, pela via narrativa, a brutalidade das práticas patriarcais.

A condição feminina no século XIX era marcada por restrições severas. A mulher estava vinculada à moralidade doméstica e sua honra representava a honra da família. Qualquer transgressão, fosse ela real ou presumida, poderia acarretar sanções violentas, como o enclausuramento e até a morte. Nesse sentido, a protagonista de Carneiro Vilela simboliza todas as mulheres submetidas à ordem patriarcal e aos desígnios de uma sociedade que naturalizava o controle do corpo feminino.

O emparedamento, como prática simbólica e narrativa, é também uma metáfora da exclusão social e cultural da mulher. Trata-se de uma condenação não apenas física, mas também moral e existencial, imposta a quem não se conforma às normas impostas. Nesse gesto brutal, condensam-se valores científicos, religiosos e familiares, transformando a mulher em objeto de disciplina e em testemunho da perpetuação da ordem masculina.

Ao examinar o romance de Carneiro Vilela, a crítica literária ressalta o duplo caráter da narrativa: por um lado, a obra preserva e transmite uma tradição oral pernambucana; por outro, incorpora os elementos naturalistas e cientificistas do seu tempo. Tal combinação confere à obra uma dimensão histórica e cultural única, capaz de iluminar tanto os costumes locais quanto as tendências literárias universais.

No entanto, a leitura crítica contemporânea permite ir além da mera descrição de um acontecimento trágico. O emparedamento é compreendido como expressão da exclusão social da mulher, fundamentada em um discurso que mescla ciência, religião e moral. O romance de Carneiro Vilela, portanto, pode ser lido como documento e denúncia, um texto que registra e, ao mesmo tempo, questiona as contradições do Recife oitocentista.

Entre os estudiosos que se debruçaram sobre *A emparedada da Rua Nova*, destaca-se Tereza Cristina Lopes de Albuquerque, cuja dissertação analisa em profundidade a narrativa e a condição da

mulher. Sua pesquisa evidencia como o romance articula o cientificismo e o patriarcalismo, revelando a vulnerabilidade feminina diante de um sistema que naturaliza a violência.

A contribuição de Tereza Cristina Lopes de Albuquerque é fundamental para compreender a dimensão crítica da obra. Ao demonstrar que o emparedamento é metáfora de uma estrutura social, sua análise ultrapassa o limite do anedótico e alcança o terreno da crítica cultural. Assim, a dissertação torna-se um referencial indispensável para os estudos contemporâneos sobre Carneiro Vilela.

A fortuna crítica do romance, embora não tão ampla quanto a de outros escritores naturalistas, tem crescido à medida que pesquisadores reconhecem o valor histórico e literário da obra. O interesse renovado por *A emparedada da Rua Nova* deve-se justamente à sua capacidade de iluminar o papel da mulher no século XIX, colocando em relevo práticas que o discurso científico e jurídico da época legitimava.

O cientificismo, nesse contexto, não se apresenta apenas como pano de fundo, mas como força modeladora da narrativa. A crença na degenerescência moral e na necessidade de preservar a ordem familiar aparece como justificativa para o destino trágico da protagonista. Carneiro Vilela, entretanto, imprime à narrativa uma ambiguidade, permitindo ao leitor identificar o horror e a injustiça que se escondem por trás de tal lógica.

Essa ambiguidade é um dos aspectos mais ricos da obra. Embora se utilize de convenções naturalistas, a narrativa não se limita a reproduzir o determinismo científico; ao contrário, abre espaço para que o leitor perceba a crueldade do emparedamento e questione a naturalização da violência contra a mulher. Nesse sentido, o romance revela-se mais complexo do que uma simples adesão ao cientificismo.

Outro ponto relevante é a forma como a obra de Carneiro Vilela articula a dimensão local e a universal. A história do Recife, com suas ruas, costumes e tradições, constitui o cenário do romance, mas a problemática da condição feminina extrapola o espaço regional. O emparedamento é expressão radical de uma violência que se repetia em diferentes contextos, em maior ou menor grau, ao longo do século XIX.

Assim, a análise do romance exige uma abordagem interdisciplinar, que contemple a literatura, a história social e a crítica feminista. O diálogo entre esses campos permite compreender de maneira mais abrangente o modo como o cientificismo naturalista reforçou práticas de exclusão, ao mesmo tempo em que a literatura se tornava espaço de denúncia e reflexão.

O estudo do romance sob a ótica do cientificismo também contribui para entender o papel da literatura como veículo de ideias e valores. Carneiro Vilela, ao transformar uma lenda urbana em narrativa literária, incorporou os discursos científicos da época, mas também os colocou em questão. A literatura, assim, mostra-se como espaço privilegiado de confronto entre ciência e cultura.

Nesse sentido, *A emparedada da Rua Nova* pode ser lido como um texto liminar, situado entre a adesão ao cientificismo e a denúncia de seus efeitos perversos sobre a mulher. Essa duplicidade é o que confere à obra sua atualidade e pertinência para os estudos literários contemporâneos.

Ao abordar a condição da mulher, o romance antecipa preocupações que mais tarde seriam tematizadas pela crítica feminista. O emparedamento, como metáfora, remete a todas as formas de silenciamento, exclusão e violência que marcam a história das mulheres no Brasil. Nesse aspecto, a leitura crítica contemporânea amplia o sentido da obra, conferindo-lhe novo alcance.

Portanto, analisar *A emparedada da Rua Nova* sob a ótica do cientificismo e da condição feminina é também refletir sobre a história cultural do Brasil e sobre as práticas de dominação que moldaram a sociedade oitocentista. O romance de Carneiro Vilela, ainda que ancorado em sua época, dialoga com questões universais, permanecendo atual e instigante.

A escolha de centrar a análise na figura da mulher e no papel do cientificismo se justifica pela relevância desses elementos na construção narrativa. A protagonista, emparedada por transgredir a moral vigente, torna-se símbolo da opressão de gênero; o cientificismo, por sua vez, aparece como justificativa ideológica que dá legitimidade à violência.

Por fim, este estudo pretende articular a leitura do romance com as contribuições da crítica literária, em especial a dissertação de Tereza Cristina Lopes de Albuquerque, para aprofundar a compreensão da condição da mulher no Recife oitocentista. Ao fazê-lo, busca-se demonstrar como a literatura pode ser simultaneamente reflexo e crítica de seu tempo, iluminando práticas sociais que, ainda hoje, ecoam na memória cultural brasileira.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo se ancora na perspectiva histórico-crítica, em consonância com a abordagem proposta por Alfredo Bosi, que compreende a literatura como resultado de um diálogo constante entre estética e contexto sociocultural. Bosi ressalta que a análise literária não pode prescindir da consideração dos fatores históricos, ideológicos e sociais que permeiam a obra. Tal perspectiva revela-se fundamental para investigar *A emparedada da Rua Nova*, cuja narrativa se insere em um ambiente marcado pela emergência do cientificismo e pela permanência de práticas patriarcais.

Nesse sentido, a leitura histórico-crítica permitirá compreender o romance não apenas como registro ficcional, mas como testemunho da realidade recifense do século XIX, transposta para a literatura por Carneiro Vilela. A partir desse viés, será possível evidenciar como a condição da mulher, narrada sob o signo da opressão, articula-se a uma mentalidade científica que buscava legitimar desigualdades de gênero.

A metodologia também se beneficiará do conceito de “mediação crítica” desenvolvido por Bosi, segundo o qual o pesquisador deve buscar os nexos entre o texto literário e as formações sociais



e culturais de sua época. No caso de Carneiro Vilela, isso implica analisar como o cientificismo, o positivismo e o determinismo naturalista forneceram à sociedade argumentos para controlar o corpo feminino e restringir sua atuação no espaço público.

Outro eixo metodológico essencial será a crítica literária contemporânea, com especial atenção à dissertação de Tereza Cristina Lopes de Albuquerque, que se debruça sobre *A emparedada da Rua Nova* e examina sua relevância como representação da condição da mulher. Sua leitura crítica, de viés interdisciplinar, destaca o emparedamento não apenas como prática de exclusão, mas como metáfora das múltiplas formas de silenciamento impostas às mulheres.

Assim, a pesquisa metodologicamente articula duas perspectivas: de um lado, a visão ampla de Alfredo Bosi, que insere a literatura em seu contexto histórico e cultural; de outro, a leitura aprofundada de Tereza Cristina Lopes de Albuquerque, que ilumina o romance pela lente da crítica de gênero e da análise sociocultural. Essa conjugação permitirá uma abordagem densa e multifacetada da obra.

Metodologicamente, o estudo privilegiará a análise textual detalhada do romance, buscando identificar as marcas discursivas do cientificismo e da moral patriarcal. A descrição minuciosa dos episódios, das imagens e das metáforas associadas à condição feminina possibilitará verificar como Carneiro Vilela traduz, em termos literários, um ambiente social repressivo.

Além da análise textual, recorrer-se-á a fontes secundárias da crítica literária e da historiografia, de modo a compor um panorama interpretativo. A obra será examinada tanto em sua inserção no Naturalismo brasileiro quanto em sua especificidade regional, ressaltando os traços culturais pernambucanos que Carneiro Vilela inscreve em sua narrativa.

Inspirado na abordagem de Bosi, que privilegia a “historicidade do texto”, este estudo buscará compreender *A emparedada da Rua Nova* como um artefato cultural que testemunha e ao mesmo tempo critica sua época. O emparedamento, lido como fato literário, ganha sentido quando situado no interior de um regime discursivo que associava ciência, moral e poder patriarcal.

A metodologia não se limitará à análise imanente, mas buscará estabelecer relações entre o romance e os discursos científicos oitocentistas, tais como o determinismo biológico, o darwinismo social e o positivismo. Ao cotejar texto e contexto, será possível mostrar como a literatura absorveu tais ideias e as devolveu ao público sob forma narrativa.

No caso específico do cientificismo, adotar-se-á uma perspectiva crítica, não apenas para reconhecer sua presença na obra, mas também para evidenciar as contradições que ele engendra. Carneiro Vilela, ao mesmo tempo em que se insere no espírito de sua época, permite que o leitor perceba o horror da prática do emparedamento, sugerindo uma tensão entre adesão e denúncia.

A dissertação de Tereza Cristina Lopes de Albuquerque será mobilizada como referência metodológica e crítica. Sua análise demonstra que a condição feminina narrada por Carneiro Vilela é

expressão de um sistema social estruturado pela exclusão, o que confere ao emparedamento valor simbólico mais amplo. Tal perspectiva será retomada neste estudo como guia interpretativo para compreender a metáfora central do romance.

Com base nessa leitura, o método aqui adotado assume um caráter comparativo, em que se confrontam as categorias críticas de Bosi e as interpretações de Albuquerque, articulando o olhar macro-histórico com a atenção ao tema específico da mulher. Essa conjugação de escalas interpretativas possibilitará compreender a obra de modo mais abrangente.

Outro recurso metodológico será o uso da crítica feminista como suporte complementar, uma vez que ela fornece instrumentos para analisar as formas de silenciamento e violência contra a mulher presentes no romance. Ao lado da perspectiva histórico-crítica de Bosi e da análise detalhada de Albuquerque, a crítica feminista contribuirá para iluminar os mecanismos de exclusão inscritos no texto.

Importa destacar que a metodologia adotada não pretende esgotar a complexidade do romance, mas propor uma leitura situada, atenta às tensões entre discurso científico e prática social, entre moralidade patriarcal e resistência feminina. Nesse sentido, a obra de Carneiro Vilela será tratada como espaço de disputa simbólica, em que diferentes vozes se entrecruzam.

Em síntese, a metodologia articula análise textual, contextualização histórico-social e diálogo crítico com autores de referência. A perspectiva histórico-crítica de Alfredo Bosi confere ao estudo a base teórica ampla, enquanto a dissertação de Tereza Cristina Lopes de Albuquerque oferece a leitura específica sobre a condição feminina em *A emparedada da Rua Nova*. Essa conjugação de métodos permitirá elaborar uma interpretação consistente, capaz de evidenciar tanto o peso do cientificismo quanto a denúncia da opressão feminina que a obra encerra.

### 3 TRAJETÓRIA DE CARNEIRO VILELA

Carneiro Vilela, cujo nome completo era Joaquim Maria Carneiro Vilela, nasceu em Recife, em 1846, e lá faleceu em 1913. Foi jornalista, crítico literário, bibliotecário, juiz, romancista e figura de grande destaque na cena intelectual pernambucana da segunda metade do século XIX e início do século XX. Sua trajetória pessoal e profissional se confunde com a história cultural de Pernambuco, uma vez que atuou intensamente na imprensa, colaborou com jornais e revistas, e participou ativamente da vida política e literária da região.

Na companhia de outros escritores, fundou a Academia Pernambucana de Letras e fez parte d' A Escola do Recife, movimento que surgiu em 1870 e que trazia ideias revolucionárias em filosofia, direito e literatura. Também fundou o "Jornal Oriente" (1866), "A América Ilustrada" (1871) e a revista caricata e humorística "O João Fernandes" (1886).



A produção de Carneiro Vilela se insere no contexto do Realismo-Naturalismo brasileiro, marcado pela recepção das ideias científicas e filosóficas europeias. No entanto, o escritor pernambucano se distingue por sua forte vinculação com o ambiente local, reproduzindo, em seus romances, as práticas, costumes e tradições do Recife oitocentista. Sua obra combina, assim, o olhar crítico do Naturalismo com um interesse pelo regionalismo, antecipando, em certa medida, tendências que mais tarde ganhariam corpo na literatura brasileira. Escreveu cerca de quatorze romances utilizando o folhetim então em voga nos jornais de seu estado.

Entre suas contribuições mais relevantes encontra-se o romance *A emparedada da Rua Nova* (1909-1912), obra de maior repercussão crítica e que permanece até hoje como objeto privilegiado de estudos acadêmicos. Inspirado em uma tradição oral recifense, o romance recria um episódio de violência contra a mulher, articulando-o ao contexto cultural e científico de seu tempo. Essa narrativa se tornou símbolo da opressão feminina e da força patriarcal, ao mesmo tempo em que reflete a influência das correntes naturalistas e deterministas.

Além de romancista, Carneiro Vilela foi um importante cronista da vida recifense. Sua atenção ao cotidiano urbano e às tradições locais revela-se não apenas em sua obra ficcional, mas também em sua produção jornalística. Essa faceta contribui para compreendê-lo como um intelectual comprometido com a realidade social de sua cidade, interessado em documentar e refletir sobre as transformações políticas, econômicas e culturais pelas quais passava Pernambuco.

Do ponto de vista estilístico, Carneiro Vilela se caracteriza por uma escrita que combina observação minuciosa da realidade, típica do Naturalismo, com um olhar crítico e, por vezes, moralizador. Sua literatura não se limita à reprodução mecânica de determinismos científicos; ao contrário, abre espaço para a reflexão crítica, permitindo ao leitor questionar as práticas e valores de seu tempo. Essa tensão entre descrição naturalista e denúncia social confere originalidade à sua obra.

A vida intelectual de Carneiro Vilela também foi marcada por sua atuação em instituições culturais. Participou de círculos literários, colaborou com revistas importantes e contribuiu para consolidar o ambiente intelectual recifense. Sua posição como homem de letras fez dele não apenas escritor, mas também formador de opinião, cuja obra repercutia nos debates sociais e culturais da época.

Sua obra pode ser lida como testemunho das contradições do Recife entre o tradicionalismo patriarcal e a modernidade emergente. Ao tematizar práticas como o emparedamento, Carneiro Vilela documenta formas de violência de gênero e, ao mesmo tempo, revela como o cientificismo naturalista fornecia justificativas ideológicas para tais práticas. Desse modo, sua literatura ultrapassa o caráter local e adquire dimensão crítica mais ampla.

Embora *A emparedada da Rua Nova* seja sua obra mais lembrada, Carneiro Vilela também produziu textos de caráter jornalístico e crítico que demonstram sua erudição e seu engajamento com

as questões intelectuais de seu tempo. Essa diversidade de atuação reforça sua relevância como figura representativa da cultura pernambucana, cuja contribuição merece ser continuamente revisitada pela crítica literária.

A fortuna crítica em torno de Carneiro Vilela ainda é relativamente restrita quando comparada a outros autores do Naturalismo, como Aluísio Azevedo e Júlio Ribeiro. No entanto, nos últimos anos, estudiosos têm recuperado seu papel, sobretudo a partir de leituras que associam sua obra às questões de gênero e às formas de violência contra a mulher. Nesse sentido, pesquisas como a de Tereza Cristina Lopes de Albuquerque são fundamentais para renovar o interesse acadêmico por sua produção.

Em síntese, Carneiro Vilela foi um intelectual de múltiplas facetas, cuja obra reflete tanto a inserção do Brasil nas correntes literárias internacionais quanto a especificidade cultural do Recife. Sua literatura, ao mesmo tempo documental e crítica, constitui um espaço privilegiado para compreender as tensões sociais, científicas e morais do século XIX. Revisitar sua trajetória é, portanto, revisitar um capítulo essencial da história cultural brasileira, no qual literatura e realidade se entrelaçam de forma indissociável.

#### **4 A EMPAREDADA DA RUA NOVA – ANÁLISE DO ROMANCE**

O romance *A emparedada da Rua Nova* (1909-1912), de Carneiro Vilela, constitui uma das narrativas mais emblemáticas da literatura pernambucana do início do século XX. Embora publicado em momento posterior ao auge do Naturalismo, inscreve-se nesse movimento ao incorporar elementos centrais de sua estética, como o determinismo, o cientificismo e a atenção aos aspectos sombrios da realidade social. Sua especificidade, no entanto, reside no diálogo entre a tradição oral do Recife e o discurso científico de época, resultando em uma obra ao mesmo tempo regional e universal.

O enredo articula elementos de paixão romântica, tensões familiares, crime, mistério, procedimentos de investigação policial e um retrato expressivo da sociedade recifense da década de 1880, retratando o destino da jovem burguesa Clotilde, cujo namorado, o jovem sedutor Leandro, fora assassinado por seu pai, o abastado comerciante Jaime Favais, para encobrir a vergonha familiar e preservar sua própria honra (vez que descobrira a traição de sua esposa e a gravidez de sua filha, ambas com Leandro). Ou seja, as duas mulheres da família transgridem as normas de conduta feminina e, por isso, são punidas.

A obra foi editada em folhetim no *Jornal Pequeno*, entre 1909 e 1912, depois transformada em livro. As personagens criadas por Carneiro Vilela, confinadas e metaforicamente “emparedadas” por seus próprios conflitos, acabaram por ganhar nova dimensão quando a narrativa literária inspirou uma versão alternativa que se consolidou como uma assombração emblemática do folclore recifense.

O romance retrata com vivacidade a sociedade recifense da segunda metade do século XIX, apresentando uma série de cenas em que aparecem os costumes, as festividades, o casamento, a

condição feminina, o lazer, a escravidão, a marginalidade e outros aspectos importantes da cultura local.

A história acabou se tornando polêmica e envolta em mistério. Os componentes de tragédia e mistério presentes no romance foram sendo reinterpretados ao longo do tempo por diversos narradores, até que o imaginário popular elaborou a figura sobrenatural da Emparedada da Rua Nova. Embora o livro não descreva literalmente o emparedamento de Clotilde — sendo Leandro a única personagem assassinada —, o mito derivado da obra incorpora a história de uma jovem supostamente enclausurada e condenada à morte por inanição atrás de uma parede, transformada em sua tumba secreta numa residência da Rua Nova.

Fato é que Carneiro Vilela transforma essa narrativa oral em literatura, estruturando um romance que entrelaça drama pessoal, crítica social e observação realista. A protagonista, símbolo da honra familiar, torna-se vítima de um castigo extremo, legitimado pela moral patriarcal e pelo imaginário científico que associava a mulher à instabilidade e à degenerescência.

O autor reconstrói o Recife oitocentista como espaço narrativo privilegiado. As ruas, as casas, as tradições e os costumes urbanos aparecem descritos com minúcia, de modo a conferir verossimilhança ao episódio. Essa ambientação não apenas enraíza a narrativa no contexto local, mas também funciona como elemento de crítica social, evidenciando as contradições de uma cidade que, ao mesmo tempo em que buscava modernizar-se, mantinha práticas arcaicas e violentas.

A narrativa se inaugura com a descoberta de um cadáver em avançado estado de decomposição no Engenho Suaçuna, localizado em Jaboatão, município limítrofe a Recife. Após uma investigação minuciosa — ainda que dificultada pelas condições precárias do corpo — a vítima é identificada como Leandro Dantas, figura que se revelará central no encadeamento trágico dos acontecimentos subsequentes.

Communicam-nos o seguinte:

Tendo apparecido a pairar sobre esta povoação de Jaboatão, na manhã de sabbado (20), alguns urubus, signal certo de carniça, descobrio-se ser um corpo morto que a isto dava lugar; e sendo chamada a policia para verificar, só appareceu às 5 da tarde, assim mesmo com receios de approximar-se do cadáver que exhalava mão cheiro, enviando em seu lugar um preto que declarou ser o cadáver de um homem branco, vestido decentemente, e tendo ao pé de si um canivete de moda com as armas prussianas e um revólver de 9 tiros. Rasgada a roupa, verificou-se ter elle uma grande facada do lado direito junto à ultima costella, que devia ter produzido a morte.

Segundo informações de pessoas d'aqui do lugar, consta ter o homem comprado alguns dias antes uma garrafa de aguardente, e procurado saber o lugar do banho, que lhe foi ensinado, desaparecendo ao depois.

O que há de mais revoltante em tudo isto é que a policia fez enterrar o cadáver no mesmo lugar em que foi encontrado, sem proceder a todos os exames precisos.

Chamamos, portanto, a attenção do Sr. Dr. Chefe de policia para a syndicancia deste facto, visto não dever ficar impune um crime desta ordem, lançando-se sobre elle o véu do olvido, como o indica a informação acima. (Vilela, p. 01).

Leandro Dantas era conhecido como um sedutor libertino que frequentava os círculos sociais da cidade, exercendo seu charme sobre diversas mulheres. Em um evento social, aproxima-se de Josefina, elegante senhora casada, dotada de beleza e vivacidade, com quem inicia um relacionamento clandestino, cuidadosamente mantido à margem de escândalos e do conhecimento de seu marido, Jaime Favais, comerciante abastado, de temperamento rígido e imprevisível. O casal possuía uma filha, Clotilde, jovem de grande formosura e espírito sonhador, que, ao conhecer Leandro em circunstância posterior, igualmente se vê enredada por seu fascínio, iniciando com ele um segundo romance sigiloso.

Se mais alguma coisa trouxe para a casa paterna como prenda valiosa, foram sem dúvida umas lições práticas de hipocrisia e um ódio inveterado por tudo quanto fosse contrariedade e por tudo quanto lhe parecesse reclusão. A seleção quase conventual, em que vivera durante o período colegial, fizera-lhe adorar a liberdade. Os sofrimentos por que passara na observância rigorosa de umas regras carrancas e aperreadoras, haviam acumulado no seu coração uns ódios intransigentes por tudo quanto lhe parecesse obrigação e tinham-lhe dado uma aptidão e uma presteza extraordinária para a revolta. (Vilela, p. 46).

A sexualidade reinante da moça também formava o espírito dela. Entregara-se de corpo e alma ao seu amante; Clotilde quebra, para os parâmetros morais da época, o pacto de pureza e de honra até então socialmente conservados pela sua virgindade. “Clotilde, naquela noite fatal, em que fora ao encontro do baiano, não tivera bastante energia para impor silêncio aos impulsos apaixonados de sua própria carne, aos extravios sensuais de seu amor, por tanto tempo comprimido e sufocado” (Vilela, p. 479).

A principal forma de insubordinação da personagem consiste em rejeitar aquilo que, segundo o código moral vigente, seria o único meio legítimo e reparador de suas faltas — especialmente as de natureza sexual e suas consequências: o casamento com seu primo João Favais. Com firmeza, convicção e determinação profundamente humanas, Clotilde resiste tanto às investidas do primo quanto às imposições paternas destinadas a concretizar a união matrimonial. Mesmo estando grávida, recusa-se a aceitar um casamento arranjado, pautado em interesses e conveniências familiares.

Desde que chegou ao Brasil, seu pai, Jaime Favais, mostrou-se um exímio comerciante e contabilista notável. Havia este descoberto uma nova forma de trabalho, de “fazer contas”, uma outra forma de aritmética entre os pesos e as medidas, “o qual se diminuía o volume e a quantidade dos artigos vendidos, tinha a compensação a vantagem de aumentar a receita da gaveta e de assegurar um saldo extraordinário no balanço final da mercadoria” (Vilela, p. 41).

Josefina, sua esposa, após muita insistência, convence o marido a estabelecer o seu comércio e a sua residência à Rua Nova. Essa mudança representava para ela, não apenas uma mudança de local, mas *status* social, pois passara a sua infância e adolescência execrando o contato com “as gorduras do toucinho e da manteiga, de sofrer a fedentina das cebolas podre e do bacalhau deteriorado, em fim de aturar muitas vezes os ditérios e as insolências da freguesia reles e dos escravos que frequentam as

tabernas” (Vilela, p. 86). Mudar para Rua Nova situaria o seu marido no *hall* dos sólidos e respeitáveis comerciantes da cidade, e ela, Josefina, seria a sua “digníssima” e “exemplar” esposa.

A família Favais cultivava uma relação que, à vista da sociedade, apresentava-se como respeitosa e harmoniosa, constituindo um modelo de moralidade no contexto social em que viviam. Esse quadro, contudo, começa a ruir a partir da entrada de Leandro em suas vidas. O sedutor, que mantinha simultaneamente envolvimento amoroso com mãe e filha, tinha plena consciência do parentesco entre ambas, embora Josefina e Clotilde ignorassem que partilhavam o mesmo amante clandestino.

Jaime, por sua vez, já nutria desconfianças quanto às mudanças de comportamento da esposa e da filha. Em meio a um confronto doméstico desencadeado por essas suspeitas, Josefina acaba revelando a identidade do homem com quem vinha mantendo uma relação extraconjugal. A confissão provoca profundo impacto, abalando tanto a filha — surpreendida pela revelação — quanto o marido, que se percebe traído por ambas.

Chegamos à última parte deste romance, que aliás é um dos últimos episódios verdadeiros e misteriosos da história secreta de nossa província, e, para inteira compreensão do leitor, é indispensável uma ligeira recapitulação, ou antes, avivar-lhe a memória com relação aos pontos que não foram explicados ou que lhes pareçam absurdo (Vilela, p. 450).

Sentindo-se ferido em sua honra e profundamente abalado em seus afetos, Jaime decidiu eliminar aquele que considerava o responsável por sua desonra. Assim, atraiu Leandro para uma emboscada e consumou, de forma premeditada, o assassinato do sedutor que envolvera sua esposa e sua filha.

Antes mesmo de descrever o assassinato de Leandro, ou o emparedamento de Clotilde, ele insiste em revelar a cumplicidade e ineficiência do trabalho da polícia, em advertir várias vezes<sup>437</sup> sobre a impunidade existente na sociedade:

Como, porém, ainda assim ficariam muito obscuros pontos desta história, aliás verídica,[...] que fazem objeto do presente episódio, que se conservou sempre mais ou menos misterioso nos fatos das tragédias desta cidade, onde infelizmente os crimes horrorosos, que ficam impunes, não mais comuns do que vulgarmente se pensam. (Vilela, p. 217).

Contudo, a execução dessa vingança não proporcionou a Jaime nem serenidade nem satisfação. Pouco após o crime, Jaime deixou Recife e partiu para Portugal, abandonando Josefina e Clotilde no sobrado da família, localizado na Rua Nova. Apesar de ter logrado fugir às consequências jurídicas de seu ato durante o período em que permaneceu ausente, os desdobramentos morais e emocionais não tardaram a se manifestar.

Josefina mergulhou em profundo estado de depressão, perdeu o ânimo vital e acabou sucumbindo à morte; Clotilde, antes vibrante e esperançosa, tornou-se uma figura retraída e apática.

Quando Jaime regressou, passou a ser perseguido pelas lembranças e pela imaginação de que Josefina e Leandro assombravam sua mente fragilizada, intensificando sua culpa e seu remorso. Ao mesmo tempo, os remanescentes da família se tornaram alvo de comentários maliciosos na comunidade, e a desonra do nome familiar se revelou inexorável.

Jaime Favais tinha mudado muito: envelhecera bastante e não podia absolutamente ocupar aquela casa da rua Nova. Durante as noites, acontecia-lhe acordar sobressaltado como se houvessem soado ao pé de si gemidos lúgubres e abafados. Outras vezes parecia-lhes ver surgir ao seu lado o espectro esquelético e medonho de sua mulher ou a figura branca e vaporosa de sua filha. (Vilela, p. 555).

A recusa de Clotilde em aceitar o casamento arranjado, aliada ao fato de conhecer o segredo familiar — o homicídio de Leandro Dantas cometido por seu próprio pai —, culmina no desfecho trágico que originaria a figura da Emparedada. Na narrativa, sua postura gera profundo incômodo nas principais personagens masculinas, especialmente em Jaime e João Favais. Clotilde constituía uma testemunha incômoda que, ao contrário das demais que se submeteram às pressões morais impostas por Jaime, não demonstrava qualquer hesitação em denunciá-lo à polícia ou expor sua culpa perante a sociedade.

Sua resistência ao casamento se justifica também pela consciência de que, ao casar-se, passaria da autoridade paterna para a tutela legal do marido — o primo que ela repudiava. Essa convicção traduzia, de modo inequívoco, a motivação central de sua oposição às imposições dos homens de sua família.

-Pois bem: o Sr. dirá ao seu caixeiro que nem de hoje a cinco dias, nem nunca me casarei com ele!

-Que dizes?

Clotilde sustentou atrevida e insolentemente o seu olhar e respondeu-lhe:

- É esta minha vontade absoluta e, também eu, não admito discussão!

Passou-se então uma coisa horrível. Jaime sentiu-lhe queimar-lhe os olhos um relâmpago de sangue e apoderar-se de todo ele uma ira indescritível e violenta. Deu um grito formidável, como um urro de fera, ferida no covil.

- Miserável!

E atirou-se sobre a filha com uma gana selvagem e feroz do homem que perde a razão e quer vingar-se de uma injúria. Agarrou Clotilde pelo pescoço como se quisesse estrangulá-la e abalou-a tão violentamente que parecia querer desarticular-lhe todos os ossos. Era horroroso o seu furor. A moça debatia-se, como nas vascas de um sofrimento atroz, e, mal pode escapar por um momento às garras que a prendiam, bradou com todas as forças do pulmão:

-Socorro! Socorro! ...

-Cala-te desgraçada! Cala-te!...

Resmoneava o negociante cada vez mais enfurecido e procurando com uma das mãos abafar os gritos desesperados da moça, enquanto com a outra a segurava fortemente e a mantinha em posição de poder sobre ela exercer todo o seu furo. (Vilela, p. 540).

Mesmo sob constante vigilância — e ainda que suas transgressões, no plano literário, possam ser interpretadas como desdobramentos das teses científicas em voga à época —, a atuação dessa personagem feminina abre espaço para reflexões acerca das múltiplas inquietações de gênero



experimentadas por inúmeras mulheres no Recife oitocentista. É nesse sentido que a figura da Emparedada adquire relevância singular no enredo. Clotilde, movida por convicção e por seu amor por Leandro, suporta a pena extrema — não compreendida aqui estritamente como a morte física, pois há formas metafóricas de morrer. Seu castigo mais severo consistiu, sem dúvida, na destruição do próprio corpo, instrumento de todas as faltas que lhe eram imputadas. O aniquilamento corporal simboliza, assim, o triunfo da moral socialmente imposta sobre o espírito indômito de Clotilde.

Na narrativa, Clotilde aparece amarrada em um canto, imobilizada, vulnerável, súplice e totalmente indefesa, submetida à brutalidade que simboliza a punição máxima destinada a uma mulher que ousou desafiar as normas vigentes.

Ao mesmo tempo partia do fundo do banheiro um grito mais agudo e mais doloroso do que os outros. Dir-se-ia que a mordaca havia caído e que a voz pudera sair mais. Imediatamente o homem mascarado largou a tábua e precipitou-se para o banheiro: debruçou-se sobre as suas bordas e agarrando pela cabeça o corpo que se extorcia, recalcou-o no fundo com um movimento de raiva e de furor.

- Não te calarás, miserável criatura?

- Meu pai! - murmurou uma voz suplicante e cheia de soluços.

- Cala-te! - rosnou o homem, continuando a sua faina.

- Perdoe-me! ... \_ Soluçou mais fraca a mesma voz .

\_ tens o que merece.

- Em ... nome... do meu filho.

- Ah! - rugiu o homem como se a sua raiva se aumentasse, e debruçando-se ainda para dentro do banheiro.

Ouviu-se então um estertor de quem morre asfixiado: O homem levantou-se.

Não, -bradou ele com um acento de voz terrível e infernal. Eu não quero que morras pelas minhas mãos.

E correndo à tábua, o homem levantou-a sozinho e colocou-a sobre as bordas do banheiro, como se tivesse pressa em tapar a boca daquela medonha sepultura, ao mesmo tempo, soou um grito enorme por debaixo da tábua:

- Assassino!... Assassino!... (Vilela, p. 540) .

A negativa de Clotilde simboliza a abertura de uma nova possibilidade para as mulheres do século XIX — a via da emancipação. Por essa razão, dentro da lógica da narrativa, torna-se necessário contê-la, de modo que seu desfecho precisa assumir contornos aterradores. Dessa forma, o fim trágico de Clotilde funciona como um mecanismo de repressão exemplar, destinado a reafirmar as restrições impostas às mulheres daquele período.

João Favais, por sua vez, nutria por Clotilde o mesmo ódio que seu pai. Considerava, contudo, que o dote que ela possuía seria suficiente para tornar suportáveis e administráveis quaisquer inconvenientes. Entretanto, diante da recusa definitiva de Clotilde, tornou-se cúmplice do tio não apenas na execução de seu assassinato, mas também em toda a violência simbólica perpetrada contra a jovem no âmbito doméstico. Nesse contexto, o desfecho trágico da protagonista não apenas se delineava como inevitável, mas era também pressentido por ela própria. “Vendo-o (o pai) aparecer, Clotilde sentiu-se estremecer e teve como que o pressentimento de uma descarga. Era, porém, digna

filha de um tal pai, e preparou-se imediatamente para tudo quanto lhe pudesse acontecer” (Vilela, p. 539).

O momento ápice é o assassinato da emparedada. O autor cuidadosamente descreveu os caminhos percorridos pelo assassino e os seus cúmplices, e alimenta a imaginação dos leitores de como os personagens colocaram em prática a decisão do assassinato:

Anoitecera entretanto e parecia que as cousas tinham tomado o seu curso natural, quando, por volta das onze horas, pouco ou mais ou menos se abriu a porta da rua da casa do negociante e saíram por ela dois vultos que poderiam ser reconhecidos pelos de Jaime e seu sobrinho. Encaminharam-se apressadamente para a rua da Aurora e aí chegando, o negociante abriu a casa do velho Comendador Braga e dirigiu-se para a cocheira, cuja porta larga abria para a rua da União. Puseram o carro na rua, e atrelaram-no com presteza e perícia admiráveis. Em seguida, João Favais saltou para a boleia e, tomando as rédeas como emérito cocheiro voltou-se para o tio:

— Pronto! — exclamou ele.

Jaime tirou a carteira e, à luz dos lampiões do próprio carro, consultou a nota que havia tomado em casa do Hermínio.

— Rua dos pescadores! — disse ele. E a toda brida, pois não há tempo a perder. (...)

Soavam as badaladas de meia noite no relógio do Germano, quando o carro parou à porta do comerciante e dele se apearam três pessoas, inclusive o boleeiro que apressadamente foi abrir a portinhola. Duas entraram em casa, tendo um aberto previamente a porta com toda franqueza e prontidão; e a outra subindo para o interior do carro (...)

Raríssimo eram os transeuntes que passavam e João Favais não receava que o reconhecessem ali dentro. (...)

Quando, naquele mesmo relógio do Germano deram três horas, aporta da rua da casa do Comendador abriu-se de novo e voltaram os dois homens. Retomaram-se silenciosamente os seus lugares no carro e este partiu a galope para o lugar de onde viera. O silêncio da noite, por um momento interrompido pelo rodar vivíssimo do veículo, de novo se reestabeleceu e em toda a rua continuou a reinar a mais completa e favorável solidão. (Vilela, p. 544).

O crime perpetrado contra a Emparedada — comparável aos delitos classificados como hediondos, isto é, atos marcados por extrema violência, crueldade e absoluta ausência de compaixão por parte de seus executores, além de possuir forte impacto social — configura uma retaliação direta à insubordinação de seu corpo e, por extensão, de seu espírito. A construção imagética dessa cena no romance busca, por meio do terror, instaurar um mecanismo de disciplinamento dirigido às mulheres da época; daí a repetida violência cometida por Jaime Favais contra o corpo da protagonista.

Jaime Favais coloca fogo na casa do suposto assassinato de Clotilde. “Com isso ele parecia romper definitivamente com o passado”. (Vilela, p. 555).

No interior da narrativa, tanto a sociedade quanto o próprio autor silenciam as ações e as vozes das principais personagens femininas. Josefina é submetida à interdição, terminando a história em estado de alienação e desacreditada socialmente; Clotilde, por sua vez, enfrenta a face mais extrema da violência doméstica — seu assassinato — como resposta às afrontas dirigidas ao pai, Jaime Favais. Esses atos de brutalidade funcionam, na obra, como uma forma de denúncia das condições sociais impostas às mulheres.

As relações extraconjugais e a chamada “desonra” de Clotilde aparecem, no texto, como expressões de resistência feminina diante de uma ordem rigidamente autoritária. Importa notar que o narrador não concentra sua atenção nos acontecimentos isolados, mas nos efeitos e reflexões que eles desencadeiam. Assim, não se trata apenas de uma narrativa sobre adultério e desonra, mas de uma análise das circunstâncias socioculturais e subjetivas que moldam tanto aqueles que praticaram quanto aqueles que sofreram tais atos.

No romance, a motivação central do crime é a vingança; na lenda, porém, predomina o intento de ocultar uma desonra de natureza íntima e moral. A complexa dinâmica familiar que estrutura a obra literária é reduzida, no relato mítico, ao gesto brutal de um pai autoritário. Enquanto os tormentos psicológicos e afetivos explorados por Carneiro Vilela dão lugar, na tradição oral, a manifestações de ordem sobrenatural, a figura espectral da pálida mulher — identificada como a Emparedada da Rua Nova — torna-se o próprio núcleo da narrativa fantástica. Assim, embora o romance seja inequivocamente ficcional, a lenda reivindica um estatuto de verossimilhança, como se suas bases se fundassem em acontecimentos reais.

O cientificismo se manifesta no romance como substrato ideológico que legitima o destino trágico da protagonista. Inspirado nas teorias deterministas de Taine, Zola e outros pensadores da época, Carneiro Vilela retrata a personagem feminina como ser condicionado por forças biológicas, sociais e morais. O emparedamento, nesse sentido, é apresentado como desfecho inevitável diante da “transgressão” cometida, funcionando como expressão da lei inexorável da hereditariedade e da moral familiar.

A influência do positivismo e do darwinismo social também pode ser identificada no romance. A crença de que a ordem social deveria ser preservada a qualquer custo, mesmo pela via da violência, revela a absorção de um discurso científico que naturalizava hierarquias e desigualdades. A mulher, vista como elo frágil da cadeia social, era frequentemente responsabilizada pelas rupturas da ordem moral, e sua punição, por mais brutal que fosse, era justificada como necessidade de preservação da coletividade.

O narrador, ao adotar um tom de observador atento, reforça a impressão de objetividade científica. Descreve com distanciamento os acontecimentos, analisa os costumes e expõe os fatos como se fossem resultados inevitáveis de causas sociais e biológicas. Esse procedimento narrativo remete diretamente ao projeto naturalista de transformar o romance em espécie de “experiência de laboratório”, em que as personagens são observadas como espécimes de um estudo social.

No entanto, o romance não se limita a reproduzir mecanicamente o determinismo naturalista. Há na narrativa uma tensão evidente entre a adesão ao cientificismo e a denúncia da crueldade da prática do emparedamento. Ao mesmo tempo em que apresenta a punição como consequência da

transgressão feminina, a obra suscita no leitor o horror diante da violência praticada, questionando de forma implícita os fundamentos de tal lógica.

A protagonista encarna a condição feminina oitocentista: cerceada em sua liberdade, reduzida a símbolo da honra familiar e privada de autonomia. Sua tragédia não é individual, mas coletiva, pois representa a situação de inúmeras mulheres submetidas ao jugo patriarcal. O emparedamento, nesse sentido, assume dimensão alegórica, tornando-se metáfora da exclusão e do silenciamento impostos às mulheres pelo cientificismo e pela moral de época.

Carneiro Vilela articula, assim, dois níveis de significação. No plano da história narrada, apresenta um drama particular, inspirado em uma tradição oral recifense; no plano simbólico, constrói uma narrativa que denuncia a lógica patriarcal e a violência legitimada pelo discurso científico. Essa duplicidade confere à obra uma densidade que a diferencia de outros romances naturalistas de sua época.

O cientificismo, no romance, aparece ainda na forma como as personagens são caracterizadas. Há uma ênfase em traços fisiológicos, em aspectos do temperamento e em influências do meio, de acordo com a tríade de Taine (raça, meio e momento). Essa caracterização reforça a ideia de que os destinos individuais são moldados por fatores externos e inevitáveis, reduzindo a agência das personagens.

A ambientação recifense desempenha papel central na narrativa. O espaço urbano, descrito com precisão, não é mero cenário, mas elemento ativo que condiciona a vida das personagens. O Recife surge como cidade paradoxal, onde a modernização convive com práticas de violência e exclusão, revelando o caráter contraditório do progresso oitocentista. Nesse sentido, o romance associa espaço e destino, vinculando o emparedamento ao contexto social mais amplo.

Outro aspecto a destacar é o diálogo entre oralidade e escrita. Carneiro Vilela transforma uma narrativa popular em romance, conferindo-lhe estatuto literário. Esse gesto revela não apenas interesse em registrar a cultura local, mas também em interpretar criticamente suas tradições. Ao literarizar a lenda, o autor expõe sua dimensão simbólica, permitindo ao leitor refletir sobre a perpetuação de práticas patriarcais e violentas.

A presença do cientificismo também se manifesta na forma como a narrativa organiza a causalidade. Cada acontecimento é apresentado como consequência necessária de fatores antecedentes, em uma lógica que reflete a concepção naturalista de que a literatura deveria obedecer a leis semelhantes às da ciência. O emparedamento, portanto, não é apenas uma escolha arbitrária da família, mas resultado de uma cadeia causal marcada pela moral, pela hereditariedade e pelo contexto social.

Todavia, o romance abre brechas para a crítica dessa lógica determinista. Ao provocar no leitor a sensação de injustiça e de horror diante da violência, a obra desestabiliza o discurso científico que pretendia justificar a exclusão feminina. Essa ambiguidade é um dos pontos mais instigantes da

narrativa, pois revela a tensão entre o desejo de aderir ao cientificismo e a necessidade de expor sua crueldade.

O ritmo narrativo reforça a dramaticidade do enredo. A descrição minuciosa dos fatos, a atenção ao detalhe e a progressão inevitável para o desfecho trágico criam no leitor a sensação de inevitabilidade. Tal procedimento aproxima a narrativa de um estudo de caso científico, mas também potencializa sua carga simbólica, transformando o emparedamento em clímax da denúncia social.

Do ponto de vista estético, o romance insere-se no Naturalismo, mas apresenta traços particulares que o aproximam de uma literatura regional de denúncia. Carneiro Vilela demonstra habilidade em combinar a técnica naturalista com a observação crítica dos costumes locais, conferindo à obra uma originalidade que a destaca no panorama da literatura brasileira.

A análise do enredo revela que a protagonista é vítima de um sistema social que não admite transgressões. Sua punição extrema simboliza a necessidade de preservar a ordem patriarcal a qualquer preço, mesmo que isso implique sacrificar a vida de uma jovem. O romance, assim, coloca em evidência a lógica perversa de uma sociedade que legitima a violência contra a mulher em nome da honra e da moral.

O cientificismo, nesse contexto, aparece como instrumento ideológico de legitimação. A crença em leis naturais que regem o comportamento humano fornece à sociedade justificativas para práticas arbitrárias e violentas. Carneiro Vilela, ao incorporar esse discurso à narrativa, revela tanto sua força quanto sua perversidade, permitindo que o leitor reflita sobre os limites da ciência quando aplicada de forma dogmática à vida social.

Em síntese, *A emparedada da Rua Nova* é um romance que articula enredo dramático e reflexão crítica, incorporando o cientificismo naturalista sem abrir mão da denúncia social. Sua força reside justamente na ambiguidade entre adesão e crítica, entre objetividade científica e denúncia da violência patriarcal. Essa ambivalência faz da obra um texto singular no contexto do Naturalismo brasileiro.

Por fim, ao transformar uma lenda recifense em narrativa literária, Carneiro Vilela legou à literatura brasileira uma obra de grande relevância histórica e cultural. O romance não apenas documenta práticas sociais de sua época, mas também as problematiza, evidenciando as contradições do cientificismo e da moral patriarcal. Revisitar *A emparedada da Rua Nova* é, portanto, revisitar a história da condição feminina no Brasil e refletir sobre os limites da ciência quando utilizada como instrumento de opressão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhece-se, ao final deste estudo, a amplitude crítica e simbólica do romance *A emparedada da Rua Nova*, de Carneiro Vilela. Ao narrar a história de uma jovem emparedada em razão de sua

transgressão às normas de conduta feminina, a obra ultrapassa os limites de uma lenda recifense e se inscreve como denúncia das estruturas sociais patriarcais que marcaram o século XIX.

O emparedamento, mais do que um castigo individual, simboliza a condição de todas as mulheres submetidas à lógica de exclusão e violência legitimada pela sociedade patriarcal. O corpo feminino, tratado como propriedade da família e objeto de controle, transforma-se em espaço de exercício do poder masculino, cuja justificativa encontrava apoio tanto na moral quanto no discurso científico.

Essa violência de gênero manifesta-se de modo emblemático na narrativa. A jovem não é julgada por seus desejos ou por sua autonomia, mas punida por representar ameaça à honra familiar. Essa honra, construída a partir da reputação da mulher, revela a desigualdade estrutural de uma sociedade que atribui ao sexo feminino o peso da responsabilidade moral coletiva.

A literatura, nesse caso, cumpre dupla função: por um lado, reflete as práticas sociais de sua época; por outro, as denuncia, ao expor sua brutalidade. Carneiro Vilela, ainda que utilize convenções naturalistas, permite que o leitor perceba o horror da prática do emparedamento, deslocando a narrativa do registro da normalidade para o da crítica implícita.

O patriarcalismo, estruturante na sociedade oitocentista, revela-se como sistema de poder que atravessa todas as esferas da vida: a família, a religião, a ciência e o direito. Nesse sistema, a mulher é reduzida à função de guardiã da honra doméstica, e qualquer transgressão, real ou presumida, é punida de forma exemplar. O emparedamento, nesse sentido, é a radicalização dessa lógica de controle.

Ao representar o emparedamento como destino da protagonista, Carneiro Vilela inscreve na literatura a metáfora do silenciamento. Ser emparedada significa ser excluída da vida social, privada da palavra e da autonomia, transformada em ausência. É a materialização extrema da condição feminina, marcada pela clausura e pelo apagamento.

A metáfora do emparedamento extrapola, portanto, a dimensão narrativa. Ela simboliza todas as formas de confinamento impostas às mulheres: o espaço doméstico, a vigilância moral, o controle do corpo e da sexualidade, a restrição do acesso à educação e à esfera pública. Cada pedra da parede erguida representa um mecanismo de exclusão e de silenciamento.

O cientificismo, ao ser incorporado ao romance, contribui para reforçar essa lógica. O discurso determinista naturaliza a inferioridade feminina, tratando-a como consequência de leis biológicas e sociais. Dessa forma, a violência patriarcal não se apresenta como escolha, mas como necessidade. Carneiro Vilela, contudo, expõe as contradições desse discurso ao evidenciar a crueldade do castigo.

A crítica literária contemporânea, sobretudo a de Tereza Cristina Lopes de Albuquerque, ressalta a atualidade dessa metáfora. Sua leitura demonstra que o emparedamento, ao mesmo tempo em que evoca uma prática concreta, representa um processo contínuo de exclusão das mulheres, que atravessa a história e se reconfigura em diferentes formas de silenciamento.



Nesse sentido, o romance não é apenas documento histórico, mas também texto de reflexão universal. A violência de gênero, o patriarcalismo e o silenciamento feminino, tematizados por Carneiro Vilela, permanecem como questões urgentes da sociedade contemporânea. A literatura, ao revisita-los, torna-se instrumento de memória e crítica.

As considerações finais permitem ainda refletir sobre a ambiguidade do romance. Se, por um lado, ele incorpora convenções naturalistas e cientificistas, reproduzindo em parte o discurso determinista; por outro, ao narrar o destino trágico da protagonista, suscita no leitor indignação e repulsa, abrindo espaço para a crítica da violência. Essa ambiguidade é constitutiva da obra e uma de suas maiores riquezas.

A metáfora do emparedamento, além de denunciar a violência de gênero, revela a fragilidade da modernização brasileira do século XIX. Enquanto a cidade se urbanizava e incorporava novos discursos científicos, mantinha práticas arcaicas de exclusão e controle. O romance evidencia, assim, as contradições de um país em transição, no qual a modernidade convivia com o patriarcalismo.

A violência contra a protagonista é, portanto, expressão de uma sociedade em que ciência e tradição se entrelaçam para legitimar a dominação masculina. O cientificismo, ao invés de libertar, reforça o confinamento. Carneiro Vilela, ao representar essa dinâmica, inscreve sua obra no debate sobre os limites da ciência quando utilizada como instrumento de opressão.

As considerações finais também indicam que a leitura de *A emparedada da Rua Nova* deve ser feita em diálogo com a crítica feminista. A metáfora do emparedamento é útil para compreender os processos de silenciamento feminino em diferentes épocas e contextos. A literatura, nesse sentido, antecipa e dialoga com reflexões posteriores sobre gênero e poder.

Ao recuperar uma lenda recifense e transformá-la em romance, Carneiro Vilela contribuiu para fixar na memória cultural uma prática de violência de gênero. O valor de sua obra está em preservar esse testemunho, permitindo que as gerações futuras reflitam sobre as raízes históricas da desigualdade. A literatura torna-se, assim, veículo de memória e de denúncia.

O patriarcalismo, como sistema que organiza relações sociais e familiares, encontra no romance um retrato contundente. A figura da mulher, reduzida a objeto de posse e honra, evidencia a desigualdade estrutural que perpassa toda a sociedade. A denúncia implícita do romance, ainda que ambígua, abre caminho para leituras críticas que atualizam seu significado.

A metáfora do emparedamento permanece atual porque simboliza não apenas uma prática do passado, mas um processo contínuo de exclusão. Hoje, as mulheres podem não ser emparedadas fisicamente, mas enfrentam outras formas de silenciamento, seja na vida política, seja na esfera acadêmica, seja nas relações sociais cotidianas. O romance, nesse sentido, dialoga com o presente.

Assim, *A emparedada da Rua Nova* não se limita a ser um romance naturalista regional. É, antes, uma obra que revela, através da ficção, os mecanismos de opressão de gênero que estruturaram

a sociedade brasileira. Sua atualidade reside na capacidade de provocar reflexão crítica sobre práticas que, embora transformadas, persistem sob outras formas.

Em conclusão, as considerações finais permitem afirmar que o romance de Carneiro Vilela articula, de forma complexa, enredo dramático, cientificismo naturalista e denúncia social. A violência de gênero, o patriarcalismo e a metáfora do emparedamento constituem o núcleo de sua força simbólica. Ao narrar a tragédia da protagonista, a obra inscreve-se como testemunho e crítica, mantendo-se viva no debate literário e cultural contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Tereza Cristina Lopes de. A emparedada da Rua Nova: um estudo sobre gênero, patriarcalismo e ficção naturalista. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.
- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2020.
- CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.
- CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ENGEL, Magali Gouveia. Psiquiatria e feminilidade: uma história social do saber médico no Brasil (1890-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- VILLELA, Carneiro. A emparedada da Rua Nova. 2. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008 [1. ed. 1905].
- ZOLA, Émile. O romance experimental. São Paulo: Edusp, 1982.